

# OS GÊNEROS DO DISCURSO

Marco Antônio D. Sant'Anna

Faculdade de Ciências e Letras - Assis - Unesp

**Resumo:** Neste artigo, o autor inicialmente situa a questão das tipologias textuais, para, em seguida, aprofundar-se na abordagem dos gêneros discursivos. Com amparo em Bakhtin, explicitam-se diferentes variáveis socioculturais que interferem na produção do texto, como o momento histórico, o suporte de publicação e o contexto de circulação do texto.

**Palavras-Chave:** Tipologia textual, Gêneros do discurso, Texto, Contexto.

## TIPOS DE TEXTO E GÊNEROS DO DISCURSO: DELIMITAÇÃO TERMINOLÓGICA

Uma consideração inicial entre tipos e gêneros textuais pode ser observada na seguinte distinção entre *gêneros do discurso* e *tipo de texto*:

[...] de maneira geral, as diferentes *tipologias textuais* propõem classificações que recortam ou aspectos funcionais ou aspectos de organização estrutural dos textos: seus elementos, a relação entre eles, por exemplo. Deixam de considerar aspectos relativos às condições de produção do discurso como determinantes das características que o texto assume. O conceito de *gênero do discurso*, ao contrário, inclui, necessariamente, o contexto de produção, não como simples elemento complementar, mas como aspecto constitutivo central.<sup>1</sup> (PEC, 2002)

1. Caderno Oficinas de Trabalho do Programa de Educação Continuada de Formação de Professores (PEC-FORPROF), iniciativa da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, em convênio com Unesp, Usp e PUC-São Paulo, desenvolvido entre 2000 e 2002.

Conforme a proposição acima, as *tipologias textuais* pressupõem função e organização, enquanto que *gênero do discurso* envolve condições de produção. O primeiro caso é bem mais conhecido do que o segundo e já incorporado às práticas pedagógicas, tendo ampla divulgação através de material didático produzido nas últimas décadas.

Estudando a questão de maneira mais detalhada, Brandão (1999) estabelece um quadro mais geral, propondo, na linha das *tipologias textuais* na Linguística, pelo menos quatro

tipos de classificações, entre a enorme variedade que circula atualmente. Tendo como expoentes autores como Bühler e Jakobson, as *tipologias funcionais* estão fundamentadas nas pesquisas das funções dos discursos. Já as *tipologias enunciativas*, que incluem trabalhos de Benveniste e Bronckart, estudam a influência das condições de enunciação sobre a organização discursiva. Por sua vez, as *tipologias cognitivas*, tendo como representante o modelo de Adam, desenvolvem estudos sobre a organização cognitiva de determinadas sequências como a da narrativa, da descrição e outras. Finalmente, a *tipologia socio-interacionista*, de Mikhail Bakhtin, trabalha com a noção discursivo-interacionista do texto. Assim, para a autora, o termo *tipologia textual* pressupõe, de maneira abrangente, concepções de abordagem do texto que resultam em ênfase em determinados aspectos.

A partir desse conceito de *tipologia textual*, tem-se ensinado, desde o nível fundamental, a estrutura da narrativa, mostrando-se que as histórias apresentam sempre um cenário – incluindo a descrição de personagens e do lugar, e fazendo-se a indicação temporal –; e uma situação inicial de equilíbrio que constituirá uma referência para o surgimento de uma ou mais complicações que, por sua vez, terá uma ou mais soluções, levando ao desfecho da história. No ensino médio, o ENEM solicita a redação de texto dissertativo-argumentativo sobre tema da atualidade. Pelo menos teoricamente, grande parte dos alunos não tem dificuldade de se posicionar quanto à estrutura geral do texto dissertativo, composta de introdução, desenvolvimento e conclusão, ainda que sua prática esteja apresentando resultados insatisfatórios. Existe, pois, quase um consenso no ambiente escolar, de que, quando se toca na questão de “tipos de textos”, pretende-se explorar as características estruturais da narração, da descrição ou da dissertação.

Essa tipologia é fruto de pesquisa e aplicação realizadas ao longo das décadas de 1980 e 1990, na tentativa de se introduzir no espaço escolar o trabalho com o texto como unidade de análise e como objeto de ensino, em substituição ao ensino tradicional. Obviamente, dados os avanços atingidos por meio desse esforço conceitual e metodológico, seria quase impossível a não admissão por parte dos professores em geral de que o texto deva constituir o centro do trabalho com a linguagem. Entretanto, Brandão faz a ressalva de que “[...] para muitos, o texto é ainda entendido como fonte ou pretexto para exploração das formas gramaticais isoladas do contexto ou como material anódino, indiferenciado, a ser trabalhado de forma homogênea nas pretensas atividades de leitura...” (1999, p.17).

Talvez essa seja uma das razões objetivas pelas quais, mesmo com o significativo progresso conceitual e metodológico, não se atingiu ainda o resultado esperado de se formarem leitores e produtores de texto competentes. Outra possibilidade para explicar essa incontestável deficiência é o fato de que estudos mais atuais têm demonstrado ser impossível pensar na existência de um texto que constitua um “protótipo”, isto é, um texto que venha conter as características de todos os outros textos.

Para fundamentar essa posição, podemos, por exemplo, refletir sobre a tradicional tipologia textual da narrativa, com suas características acima indicadas. Ainda que contenha os elementos constitutivos e estruturais mais gerais como o cenário, a complicação e os demais, isso não é suficiente para a formação de leitores e produtores de texto que tenham domínio nessa área. Indiscutivelmente, a detecção e a apropriação desses elementos estruturais colaboram para uma relativa identificação e organização mental em relação ao texto narrativo, mas isso é ainda genérico por conta da variedade de possibilidades textuais em que o discurso narrativo pode se apresentar na experiência de um aluno e de um cidadão. Esse fato, conquanto simples de ser apontado, traz consequências notavelmente negativas para a aprendizagem. Ainda que um aluno ganhe a competência de reconhecer categorias em uma narrativa, como as do cenário, das personagens, do tempo, da situação inicial, da complicação, da resolução e do desfecho, ainda assim não se pode garantir que as coisas se realizam da mesma maneira em um conto de fadas, uma fábula, uma parábola ou um romance policial. Na parábola, por exemplo, a caracterização das personagens, do espaço e do tempo é realizada obedecendo-se a determinado modelo em que essas categorias não são propriamente nomeadas ou definidas. Tal procedimento deve-se ao objetivo que a parábola tradicional tem de constituir um discurso universal, onigeográfico e atemporal. Esse procedimento é diferente da ordem mais ou menos estabelecida para uma crônica do cotidiano, em que o espaço é urbano, as personagens são típicas desse espaço e o tempo é o contemporâneo ao da narrativa. Além disso, em termos de função, a crônica, ainda que, como a parábola, constitua um texto narrativo, não apresenta intenção pedagógica alguma, nem pretende estabelecer um confronto com um interlocutor, como é o caso das parábolas bíblicas.

Assim, não é possível ensinar uma estrutura em geral, uma complicação em geral, uma resolução em geral ou, resumidamente, uma narrativa em geral, pois, ainda que se possam classificar vários textos como narrativos, eles se manifestam com características diferentes. Essas manifestações textuais concretas constituem os gêneros da narrativa.

Exemplo evidente dessa generalidade com que se tem trabalhado os tipos e gêneros textuais é o do texto dissertativo. Sob o termo amplo de “dissertação”, pode-se colocar os textos expositivos, como a conferência, o verbete de enciclopédia, o resumo, a resenha, para citar apenas alguns, e os textos argumentativos, como a carta de reclamação, a carta de solicitação, o ensaio, o relatório científico e vários outros. Percebe-se, com clareza, que tarefas diferentes estão pressupostas ao se ensinar qualquer um desses gêneros da dissertação, em razão de elementos específicos que caracterizam cada um deles. Sendo assim, como não se recomenda o ensino de uma narrativa em geral, também não é recomendável que se ensine uma dissertação em geral.

## GÊNEROS DO DISCURSO: EFICÁCIA NA PRÁTICA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Nesse contexto, propõe-se o trabalho com os *gêneros do discurso*, uma opção conceitual e metodológica capaz de privilegiar as condições de produção e de leitura textuais, constituindo-se uma possibilidade eficaz para a formação de leitores e produtores de textos. Se a principal preocupação da tipologização textual diz respeito a funções e estrutura de um texto, a dos gêneros está voltada para as condições de sua produção. Em síntese, tais condições envolvem a percepção e a consideração de elementos tais como os interlocutores, os objetivos, o portador, o contexto sócio-histórico, o local de circulação e as formas-padrão de organização dos enunciados, relativamente estáveis, produzidas pela cultura onde o texto aparece. A combinação desses elementos, constituindo a situação em que o texto é produzido, determina suas características.

Essa opção metodológica está fundamentada em uma concepção teórica de Bakhtin. Para o autor, “[...] uma análise fecunda das formas do conjunto de enunciações como unidades reais na cadeia verbal só é possível de uma perspectiva que encare a enunciação individual como um fenômeno puramente sociológico” (1979, p. 112). Por isso, Bakhtin privilegia o que ele denomina “fórmulas da vida corrente”, aquelas que fazem parte do meio social, sendo elementos da festa, dos lazeres, das relações que se travam nos diferentes lugares da vida cotidiana. Em outras palavras, ao nos comunicarmos nas mais variadas circunstâncias concretas da vida, quer conscientes ou não, fazemos uso de variados gêneros escritos e orais, os quais apresentam características particulares. Por essa razão, Bakhtin afirma também que “[...] a língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos interlocutores*” e, ainda, que “[...] as leis da evolução linguística são essencialmente *leis sociológicas*” (p. 113, grifo do autor). Prever, pois, apenas uma estrutura narrativa, descritiva ou dissertativa, parece algo limitado, já que divorciado das influências, interferências e determinações sócio-históricas possivelmente observáveis em uma leitura e uma produção textual.

É por essa razão que, ao longo do processo histórico, foram sendo criados diferentes modos de organização de textos orais e escritos, em função de diferentes objetivos sociais, ou como decorrência da invenção de novos meios de comunicação. Se realizarmos um percurso a partir do aparecimento das enciclopédias, das bibliografias e dos periódicos, por exemplo, verificaremos que o surgimento de cada um deles esteve bastante vinculado ao seu contexto sócio-histórico, com suas necessidades particulares e com a criação dos meios para que essas necessidades fossem satisfeitas. As enciclopédias somente apareceram em um momento no qual a divulgação da produção científica do período se impunha como tarefa,

o que apenas foi possível de ser realizado depois da invenção da tipografia. Foi a partir da necessidade de divulgação veloz de notícias da área da política, da sociedade em geral e de informações diversas, que se difundiram os periódicos, com contribuições importantes inclusive para a construção dos estados nacionais. Gêneros textuais hoje comuns em periódicos, como o editorial, a notícia, o artigo de opinião, a crônica do cotidiano, a carta de leitores, os classificados, a resenha, a propaganda, devem ser considerados no conjunto de fatos históricos que evoluíram para constituir esses gêneros tal como os conhecemos agora. A existência deles só se tornou possível depois do surgimento dos periódicos e como reflexo de necessidades impostas pela sociedade contemporânea. Há poucos anos, não seria possível sugerir na escola sequer o *e-mail* como forma de organização textual.

Assim, essencialmente marcados pelas contingências sociais e históricas, os textos vão se estabelecendo como unidades estáveis de enunciado caracterizados por seus conteúdos temáticos, pela estruturação particular de cada um e pelo estilo que oferece determinadas marcas linguísticas para cada gênero.

## GÊNEROS DO DISCURSO E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

De maneira prática, a interação verbal/social, na sua forma oral ou escrita, pressupõe a articulação de um conjunto de elementos dentro do contexto de produção, quer isso se realize de maneira consciente ou não. Podemos apontar, primeiramente, a questão da imagem construída sobre o interlocutor, seja ele ouvinte ou leitor; essa imagem irá dirigir o processo de produção do texto, dependendo da relação social de maior ou menor familiaridade estabelecida entre os envolvidos, dos conhecimentos que se acredita que o interlocutor tenha sobre o assunto e sobre a linguagem a ser utilizada e do objetivo a ser atingido com o texto. Por exemplo, um profissional especializado em ciências políticas poderá fazer uma conferência sobre o mesmo tema para alunos do ensino fundamental e para alunos de um curso de Sociologia. Todavia, o texto desse discurso não será o mesmo. Conhecendo a realidade e as diferenças entre os dois públicos, o especialista deverá preservar os alunos de ensino fundamental de termos técnicos, os quais poderão ser usados com maior liberdade entre os formandos de Sociologia. Além disso, ele deverá deixar claros os conceitos dos quais fizer uso com os alunos iniciantes. Já os alunos do ensino superior deverão ser capazes de dominar princípios que podem ser explorados com maior profundidade. A necessidade de exemplos será maior para os estudantes mais jovens.

Outro aspecto a ser levado em conta quanto à situação comunicativa de produção de textos é o do lugar social ocupado pelos interlocutores. Se o especialista em política estiver

falando, para sua família, sobre os conflitos no Oriente Médio entre judeus e palestinos, seu discurso será diferente daquele pronunciado em uma entrevista televisiva ou daquele produzido para publicação em um jornal de renome. Isso equivale a dizer que o lugar social ocupado pelos interlocutores nessa situação comunicativa determinará também os aspectos do tema sobre os quais se dará maior ênfase e a modalidade de linguagem que será usada. No seio da família, o discurso poderá limitar-se a discorrer sobre as consequências desastrosas do fanatismo político-religioso, no caso do Oriente Médio, e seus possíveis desdobramentos em qualquer outra área da existência humana, na tentativa de convencer os filhos da necessidade da adoção de uma postura equilibrada em todos os sentidos; entretanto, para jornalistas, ou em uma entrevista para a televisão, detalhamentos de questões históricas, culturais, raciais, econômicas, políticas, religiosas serão levantadas para explicar os fatos contemporâneos.

Além desses elementos, pode-se acrescentar que, em função do lugar onde um texto circulará e do suporte ou portador onde será publicado, ele se apresentará com características diferentes. Um artigo sobre o ataque que resultou na morte de Osama bin Laden terá desenvolvimento diferenciado, caso seja publicado na seção de política ou na seção de fatos diversos de um jornal. Uma diferenciação também poderá ser percebida, caso um artigo, sobre o mesmo assunto, seja publicado na seção de economia do jornal X e do jornal Y, já que sua linguagem deverá ser adaptada ao seu interlocutor. Há, ainda, a delimitação do espaço de que o autor dispõe para escrever sua matéria.

Somando-se a esses fatores determinantes para a produção de um texto, a finalidade e os objetivos que se apresentam para esse texto conduzem sua organização em um gênero ou outro. Um texto argumentativo tende a se mostrar mais adequado e eficiente do que um texto ficcional, se se pretender persuadir os leitores de um jornal sobre a necessidade de se fazer uma reforma previdenciária: um artigo de opinião estaria em uma sintonia muito maior com os alvos a serem atingidos com a publicação da matéria. Esse aspecto específico da finalidade que se propõe o texto deverá estar em sintonia com os outros aspectos mencionados acima, como o das características do interlocutor, do portador, do lugar de circulação e do papel social dos interlocutores.

Há que se levar ainda em consideração a época em que o texto está sendo escrito. Falar sobre a possibilidade de destruição em massa, através do uso de armas químicas e biológicas, é somente possível atualmente. Há alguns anos, isso seria matéria para ficção. Falar de engenharia genética, com a clonagem de animais e com os alimentos transgênicos, também seria impensável em um passado não muito distante. O desenvolvimento das sociedades e a evolução da ciência em vários campos criam possibilidades de abordagens textuais inéditas que dão conta do momento histórico em que eles estão sendo produzidos.

## GÊNEROS DO DISCURSO E PROGRAMA ESCOLAR

A escola apresenta-se como a instituição responsável por construir, junto ao aluno, o conhecimento sobre os gêneros mais formais e complexos, para serem usados com eficiência, mas que não são aprendidos espontaneamente nas situações do cotidiano. Incoerente pressupor que os alunos, porque falantes nativos da língua e se comunicam de maneira eficaz nas situações informais, sejam capazes de, sem um ensino sistematizado, virem a dominar os gêneros mais complexos do discurso. Há clara diferença de graus e de domínios de formas diferentes de discurso. Por essa razão, Bakhtin declara:

São muitas as pessoas que, dominando magnificamente a língua, sentem-se logo desamparadas em certas esferas de comunicação verbal, precisamente pelo fato de não dominarem, na prática, as formas do gênero de uma dada esfera. Não é raro o homem que domina perfeitamente a fala numa esfera de comunicação cultural, saber fazer uma explanação, travar uma discussão científica, intervir a respeito de problemas sociais, calar-se ou então intervir de uma maneira muito adequada numa conversa social. Não é por causa de uma pobreza de vocabulário ou de estilo (numa acepção abstrata), mas de uma inexperiência em dominar o repertório dos gêneros da conversa social e de uma falta de conhecimento a respeito do que é o todo do enunciado, que o indivíduo fica inapto para moldar com facilidade e prontidão sua fala e determinadas formas estilísticas e composicionais; é por causa de uma inexperiência em tomar uma palavra no momento certo, em começar e terminar no tempo correto (nesses gêneros, a composição é muito simples). (BAKHTIN, 1992).

Desse modo, a adoção dos gêneros do discurso como objeto de ensino-aprendizagem tem como vantagem o fato de se apresentar como possibilidade prática de concretizar a concepção teórica sócio-discursiva em relação à linguagem, na linha de Bakhtin. Essa alternativa, inclusive, constitui recomendação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997). Reproduzimos em seguida uma proposta para o trabalho com os gêneros discursivos nas primeiras séries do ensino fundamental:

# GÊNEROS A SEREM TRABALHADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL (da 1ª à 4ª série)<sup>2</sup>:

2. PEC (2002, p. 974).

SÉRIE		LINGUAGEM ORAL	LINGUAGEM ESCRITA
1a.	PRODUÇÃO	Contos de Fadas (reconto). Discussão Coletiva.	Contos Maravilhosos. Instruções de Jogos. Tomadas de notas. Bilhetes.
	ESCUITA E/ou LEITURA	Contos de Fadas (escuta). Discussão Coletiva. Exposição/Explicação.	Adivinhas. Parlendas, quadrinhas e canções infantis. (escuta e leitura). Contos populares. Piadas (escuta e leitura).
2a	PRODUÇÃO	Relatos de fatos vividos. Recontos de histórias. Discussão coletiva.	Contos maravilhosos. Haicais. Biografias. Adivinhas. Cartas. Diários. Tomadas de notas.
	ESCUITA e/ou LEITURA	Relatos de fatos vividos. Recontos de histórias. Discussão coletiva. Exposição/explicação.	Poemas. Biografias. Fábulas. Adivinhas. Lendas. Piadas.
3a	PRODUÇÃO	Discussão coletiva.	Notícias e manchetes. Artigos enciclopédicos. Contos de aventura. Resenhas. Ditados populares.
	ESCUITA e/ou LEITURA	Discussão coletiva. Exposição/Explicação.	Texto teatral. Artigos enciclopédicos. Notícias. Resenhas.



	PRODUÇÃO	LINGUAGEM ORAL	LINGUAGEM ESCRITA
4a		Discussão argumentativa. Discussão sustentada. Discussão coletiva.	Resenhas. Crônicas. Textos teatrais. Artigos expositivos de divulgação científica. Narrativas de enigma. Verbetes científicos. Tomadas de notas.
	ESCUTA e/ou LEITURA	Discussão argumentativa. Discussão sustentada. Discussão coletiva. Exposição/Explicação.	Textos teatrais. Resenhas. Verbetes científicos. Tomadas de notas. Reportagens.

Fonte: PEC... 2002, p. 974.

Enfim, os professores de Língua Portuguesa, ao incluírem no espaço da sala de aula as várias modalidades discursivas correntes do cotidiano e aquelas que o aluno precisará fazer uso em sua experiência social mais formal, estarão tanto os instrumentando para uma prática contextualizada e eficiente de leitura, e escritura de textos, quanto contribuindo para sua formação integral como cidadãos atuantes na sociedade em que vivem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BAKHTIN, M. **Filosofia e marxismo da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1979.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRANDÃO, H. N. **Gêneros do Discurso na Escola** – Mito, Conto, Cordel, Discurso Político, Divulgação Científica. São Paulo: Cortez, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

PEC – Programa de Educação Continuada – Formação Universitária. São Paulo: Secretaria da Educação/ USP/UNESP/PUC, 2002.